

# O FENÔMENO DA GLOBALIZAÇÃO E O MULTICULTURALISMO: NOVAS FORMAS DE RELAÇÕES SOCIAIS E CULTURAIS NO PROCESSO HISTÓRICO E EDUCACIONAL\*

## THE PHENOMENON OF GLOBALIZATION AND MULTICULTURALISM: NEW FORMS OF SOCIAL AND CULTURAL RELATIONS IN THE HISTORICAL AND EDUCATIONAL PROCESS

Ádria Marinho da Silva 1  
Michelle de Freitas Bissoli 2

**Resumo:** O presente estudo, resultado do trabalho final de disciplina do Programa de Doutorado em Educação da Faculdade de Educação/UFAM, tomou por base uma revisão de literatura além dos debates em sala de aula, objetivando demonstrar como o processo de desenvolvimento tecnológico e as transformações nos diversos setores da sociedade - político, social, cultural, educacional - contribuíram para novas formas de relações entre os indivíduos. Como principal fenômeno de todo esse movimento, temos a globalização que impulsiona o conhecimento das diversas culturas, a desterritorialização das fronteiras, o compartilhamento das diferentes formas de aprendizagens. Imersos nesse contexto, buscamos situar a educação e suas evoluções dentro de um universo maior, ou seja, a aldeia global. Por intermédio deste estudo, percebemos que a escola, os educadores, as crianças, o processo educacional, também evoluem e exigem estudos que possibilitem compreender a diversidade cultural hoje existente no mundo que chamamos de globalizado, bem como o significado do respeito às diferenças que caracterizam as comunidades e os indivíduos que delas fazem parte.

**Palavras-chave:** Globalização. Cultura. Educação.

**Abstract:** This paper is the culmination of the studies developed during Doctoral Program in Education at the Faculty of Education in UFAM, the Federal University of Amazonas, and was carried out through a literature review, combined to classroom debates aimed at demonstrating how the process of technological development and the transformations in the various sectors of modern society, including education, politics, and social and cultural relations between individuals. As the main phenomenon of this particular movement, globalization can be pointed as what that drives the knowledge of different cultures, with the deterritorialization of borders, and the culture of sharing different forms of learning. It is in this context, that we seek to place education and its evolution within a larger universe, that is, the so-called "global village". Thus, through this study, it was possible to notice that school, educators, children, and the educational process itself can all also evolve and this process needs to be addressed and studied with depth capable of understanding the cultural diversity that exists today in the world that we call globalized, respecting the differences that characterize communities and the individuals who are part of them.

**Keywords:** Globalization. Culture. Education.

Doutoranda em Educação, Universidade Federal do Amazonas, **1**  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0498106644897837>, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8596-919X>, Email: [drinhamarinho@hotmail.com](mailto:drinhamarinho@hotmail.com)

Pós-Doutora em Educação, Universidade Federal do Amazonas, **2**  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8731672923902328>, Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-2570-4392>, Email: [mibissoli@ufam.edu.br](mailto:mibissoli@ufam.edu.br)

\*Este artigo contou com o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM), da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

## **A globalização e as novas formas de relações sociais e culturais**

Este texto resulta da experiência que vivenciamos na disciplina “Educação, Cultura e Desafios Amazônicos”, do curso de Doutorado em Educação que cursamos na Universidade Federal do Amazonas. As discussões, leitura e trabalhos nos conduziram a algumas reflexões importantes a respeito dos conceitos de globalização, aldeia global e multiculturalismo, que discutimos aqui, estabelecendo relações com o fenômeno educativo.

As transformações ocorridas nos últimos séculos, especialmente com a Revolução Industrial e Tecnológica, trouxeram novas formas de organização da sociedade e, conseqüentemente, na vida dos indivíduos que a compõem. A globalização, fenômeno que transformou o modo de vida das populações, imprimiu marcos significativos para repensarmos os significados do progresso e do desenvolvimento que humanidade considera ter alcançado ao longo dos últimos anos.

A estrutura social, em escalas mundial, nacional e regional é atingida pelas mudanças trazidas por esse fenômeno. A globalização abre novos horizontes sociais e mentais para os indivíduos, grupos, classes, coletividades, nações e nacionalidades, movimentos sociais e partidos políticos, correntes de opinião pública e estilos de pensamento.

Para Xavier e Abreu (2001, p. 07), a globalização é entendida como “o fenômeno recente que nas últimas décadas vêm pretendendo fazer do mundo uma aldeia global”. O conceito de aldeia global se encaixa neste contexto, pois está relacionado com a criação de uma rede de conexões, que deixam as distâncias cada vez mais curtas, facilitando as relações culturais e econômicas de forma rápida e eficiente.

Como afirma Geertz (2001, p. 216) “o desenvolvimento da tecnologia, (...) teceu o mundo numa só rede de informações e causalidade [e] (...) uma mudança de situação num lugar qualquer pode induzir a distúrbios em qualquer outro lugar”. Nesse processo, as pessoas, os governos, as empresas trocam ideias, realizam transações financeiras e comerciais que irão influenciar o modo de vida das diferentes sociedades existentes nas várias regiões do planeta.

Todo esse contexto vai muito além das relações econômicas e comerciais estabelecidas. Os sujeitos estão cada vez mais descobrindo na Internet uma maneira rápida e eficiente de entrar em contato com pessoas de outros países ou, até mesmo, de conhecer aspectos culturais e sociais dessas localidades. Junto com a televisão, a rede mundial de computadores quebra barreiras e vai, cada vez mais, ligando as pessoas e disseminando informações.

Contudo, de acordo com Xavier e Abreu (2001), a expressão “aldeia global” nos induz a acreditar que a difusão instantânea de notícias tem por objetivo manter a todos bem informados, mas há de se considerar que a quantidade de informações que nos chega não nos traz qualidade, ou seja, somos bombardeados pela mídia que nos manipula diariamente fazendo-nos pensar e agir de forma que possa atender não aos nossos próprios interesses e sim aos interesses dominantes.

De acordo com Silva e El-Aouar (2003), a estrutura traçada pela aldeia global implica uma situação de desigualdade entre os países que a integram, em decorrência da indiferente manipulação dos elementos que representam a base para uma participação ativa na sociedade global.

No entanto, a organização política, social e econômica que os governos mundiais e hegemônicos implantaram nas demais sociedades começa a ser questionada: a preocupação com a qualidade de vida dos indivíduos e seres vivos que compõem o ecossistema ganha notoriedade; o esgotamento dos recursos naturais existentes e a degradação do ambiente são evidenciados pelas discussões nas organizações mundiais; o consumismo exacerbado nas sociedades mundiais e a produção de bens de consumo também são situações comumente discutidas.

De acordo com Sacristán (1996, p. 54), fatos contundentes começam a frear o que o autor denomina como “fé no progresso científico-técnico”. Colocam em crise a ideologia e a prática moldadas nesse progresso, levantando dúvidas sobre crenças, valores morais, conhecimentos que, na atualidade, são utilizados para o aumento das desigualdades entre os indivíduos e os povos, deterioração do meio ambiente, escassez dos recursos renováveis. Cabe a pergunta: para quem e para que está servindo o desenvolvimento da ciência e tecnologia?

Questionando o fato de que o processo de globalização perpassa o simples conceito

de intercâmbio de ideias, modos de pensar, agir e viver nas sociedades, Ianni, no livro “Teorias da Globalização”, afirma que, nesse processo:

Tudo se desterritorializa. Coisas, agentes e ideias, assim como palavras, gestos, sons e imagens, tudo se desloca pelo espaço atravessa a duração, revelando-se flutuante, itinerante, volante. Desenraizam-se dos lugares, esquecem os pretéritos, presentificam-se nos quatro cantos do mundo. A sociedade global transforma-se em um vasto mercado de coisas, gentes e ideias, bem como realizações, possibilidades e ilusões, compreendendo também homogeneidades e diversidades, obsolescências e novidades. (1988, p. 169).

Dessa forma, percebemos que a globalização é instrumento de desterritorialização não somente dos processos culturais dos povos, mas, sobretudo, é responsável pela difusão - e por que não a imposição - da estrutura econômica e comercial dos governos hegemônicos que predominam no mundo atual.

Weigel (1995) alerta que todo esse processo pode suscitar a ideia de que esse impulso à globalização das sociedades homogeneizaria todos os povos, identidades étnicas, sociais, culturais. Essa homogeneização, poderia contribuir para que as mesmas, como tais, inclusive desaparecessem.

O que vemos é que todas as mudanças no cenário mundial implicam em um novo padrão de comportamento dos indivíduos, permeado de valores políticos, éticos e profissionais. Contudo, cada indivíduo carrega consigo sua própria história de vida, seus princípios, concepções e visão de mundo que jamais podem ser menosprezados, significando alguma forma de resistência.

Cada país, região e sociedade possuem particularidades culturais, religiosas, econômicas e políticas, influenciadas ou não pelos avanços tecnológicos outrora citados. No entanto, é notória uma sociedade cada vez mais consumista e guiada por padrões de comportamento criados pela mídia.

O *marketing* global encarrega-se de popularizar mercadorias e ideias, modos e modas, signos e símbolos, novidades e consumismo, em todos os países, culturas e civilizações. Dessa maneira, nos alienamos também por meio do sistema de consumo, já que o trabalhador busca nele a satisfação que perdeu no trabalho, além da sensação de pertencimento ao grupo do qual faz parte e o sentimento de felicidade. E assim “o indivíduo morre duas vezes, uma vez assassinado pela sociedade de consumo e outra por lealdades coletivas” (ROUANET, 1993, p. 22). São muitas as contradições e desafios.

Atualmente, vivemos em uma sociedade na qual cada vez mais a felicidade e a qualidade de vida são associadas, reduzidas e dependentes do consumo. Essa dependência gera um círculo vicioso, no qual há necessidade de se trabalhar mais para poder consumir mais, o que reduz o tempo que deveria ser disponível ao lazer e aos outros tipos de relações sociais e afetivas.

A mundialização da cultura, principalmente a de massa, é grandemente realizada e orquestrada pela mídia impressa e eletrônica. Alcança os mais distantes lugares, difundindo e reiterando, continuamente, padrões e valores prevaletentes nos centros dominantes.

A mídia eletrônica passou a monopolizar ou influenciar decisivamente grande parte das informações e interpretações sobre o que corre pelo mundo. Pode operar de modo seletivo: localizando, priorizando, desprezando, enfatizando ou interpretando fatos, situações, configurações, movimentos, entendimentos, conjunturas e rupturas e exercendo enorme influência na vida das pessoas e em seus hábitos de consumo de produtos e serviços.

Ainda discutindo a questão da tendência consumista, podemos destacar a vinculação da possibilidade de compra à sensação de poder, já que, se por muitos anos, o consumo era privilégio de classes privilegiadas, com o desenvolvimento econômico, da produção e da publicidade, as distâncias foram sendo diminuídas. O que podemos perceber, na atualidade, é um nivelamento de desejos: crianças pobres e ricas querem os mesmos brinquedos; adultos de

classes sociais distintas têm as mesmas vontades, reforçadas pelos modelos e padrões de vida apresentados pela mídia. E, assim, ocorre uma padronização mundial de comportamentos, valores, crenças, ideias, pois mesmo em lugares completamente diferentes os indivíduos desejam adquirir o que está em evidência em um determinado país ou no mundo.

Porém, mesmo com a difusão de tantas informações e com essa padronização de comportamentos, contraditoriamente, as características culturais das sociedades permanecem e se perpetuam no decorrer do tempo, resistindo a esse movimento avassalador. A globalização, embora seja um grande fenômeno mundial de trocas constantes de diferentes aspectos entre os indivíduos, não interferiu drasticamente nessas culturas.

Acerca das diferentes relações entre as culturas existentes, surge um novo conceito que merece destaque: o multiculturalismo. Segundo Santos (2003, p. 26), o multiculturalismo "(...) designa, originalmente, a coexistência de formas culturais ou de grupos caracterizados por culturas diferentes no seio das sociedades 'modernas'".

Assim, as diferenças culturais entre países, nações e grupos societários em geral permanecem, mas se interligam com as novas formas de comunicação. Como afirma Barth apud Poutignat (1998), as interações de um sistema social não desaparecem por mudança e aculturação, as diferenças culturais podem permanecer mesmo que haja contato inter-étnico e interdependência dos grupos.

O grupo se organiza para interagir e categorizar a si mesmo e aos outros, cria símbolos e signos para se representar, mostrar que é diferente e, de certa forma, que existe enquanto "grupo".

Os sinais criados pelos grupos oscilam, não são fixos e podem ser negativos ou positivos, ou seja, exaltados ou ignorados, minimizados e negados pelos próprios membros do grupo. São, sobretudo, uma reinterpretação da história desses grupos societários e que são visíveis para os outros.

Estamos, então, estabelecendo novas formas de diálogo com os outros? De acordo com Geertz (2001, p. 76), a história de qualquer povo em separado e de todos os povos em conjunto, como também a história tomada de alguém individualmente, tem sido a história da mudança de ideias, em geral lenta, às vezes mais rápida. A história tem sido marcada pela mudança dos sistemas de sinais, das formas simbólicas e das tradições culturais, em um movimento de idas e vindas entre tradição e mudança.

Dessa forma, a questão outrora levantada tem uma resposta positiva no que tange aos processos de transformação da cultura. Os homens e as culturas estão em uma espécie de metamorfose constante e a diversidade jamais acabará, existe e continuará existindo, mas sempre algumas práticas vão se perder com o tempo. Com base nesse ponto de vista, situaremos o processo educativo dentro desse movimento de metamorfose da cultura e sociedade.

## **Educação, transformação e avanços da sociedade global**

No interior desse movimento global supracitado, que envolve a contínua transformação dos indivíduos e das sociedades, se localiza o processo educacional. A educação acontece ao lado de todos os avanços dos inúmeros setores da sociedade, e tem função primordial no estímulo à construção de valores, princípios, à difusão de conhecimentos, capazes de formar cidadãos que conhecem e respeitam as diversas culturas, desde a tenra infância.

Em meio às diversidades existentes, os indivíduos devem aprender a reconhecer as diferenças e a respeitá-las. Respeitar significa considerar as diferenças, não as reprimindo, destruindo ou rejeitando.

Santomé (1995) ressalta que, dentro dos espaços educativos, os conteúdos curriculares enfatizam muito mais as culturas que o autor denomina de hegemônicas, enquanto as culturas ou vozes dos grupos sociais minoritários ou marginalizados costumam ser silenciadas. Culturas infantis, juvenis, da terceira idade, de etnias minoritárias e sem poder, do mundo feminino, LGBTQIA+, das pessoas com deficiência, da classe pobre, entre outras, não se destacam nas lutas constantes que se travam pela definição dos currículos.

O autor enfatiza, ainda, que as crianças e jovens, ou seja, os estudantes em geral devem

adquirir consciência a respeito da existência e do valor dessas inúmeras realidades marcadas muitas vezes pela discriminação, exclusão e injustiça, pois ao nos situarmos nesse “mundo que definimos como ‘aldeia global’, o conhecimento dessas injustiças é imprescindível para gerar a suficiente solidariedade capaz de corrigir as desigualdades e injustiças que são causa desses conflitos” (SANTOMÉ, 1995, p. 164).

Grignon (1995) traz à tona a discussão de como a escola tem contribuído ao longo dos anos para o reforço das características uniformes e uniformizantes da cultura dominante. Segundo ele, os conteúdos trabalhados nas salas de aula legitimam as culturas daqueles povos considerados mais desenvolvidos, que ocupam um status dominante nas relações sociais.

Alguns exemplos ilustram e caracterizam essa legitimação:

- a escola populariza o escrito e consagra a sua supremacia sobre as culturas orais;
- o uso popular, local, vernacular é percebido como desvio da norma, do bom senso e aparece como uma falta que precisa ser corrigida;
- a escola, ao realizar correções, sanções, punições, inibe a expressividade dos alunos procedentes das classes e grupos dominados, cujos costumes não se coadunam com o que é deles esperado, segundo uma norma prescrita;
- o emprego do tempo por meio de horários determinados, estritos e a exigência da pontualidade e assiduidade são meios poderosos para a internalização da “noção moderna do tempo”;
- a escola tende ao monoculturalismo, reduzindo a autonomia e o valor das culturas populares e converte as culturas dominantes em cultura considerada “padrão”.

No entanto, a escola deve ser um espaço de vigilância, ou melhor, de autovigilância para que os estudantes assumam uma postura crítica diante dos saberes difundidos e para que assimilem a cultura designada erudita, sem que se descaracterizem em relação a sua cultura de origem, perdendo sua identidade.

Mas, como a escola conseguirá fazer essa autovigilância? Projetos educativos que valorizem os conhecimentos que os sujeitos carregam em sua história de vida são um meio eficaz de valorizar as diferentes formas de viver e de compreender o mundo. Silva (1995) assevera a necessidade de uma “teoria crítica do currículo”, ou seja, da articulação de conteúdos e formas de organizar as experiências, contribuindo para a formação do sujeito auto governável das sociedades modernas.

O autor ressalta que o currículo é a construção do próprio saber da subjetividade. “O currículo é aquilo que nós, professores/as e estudantes, fazemos com as coisas, mas é também aquilo que as coisas que fazemos fazem a nós” (SILVA, p. 194, 1995).

Nesse sentido, grande é a importância dos conteúdos curriculares trabalhados com os alunos pelos professores, possibilitando a construção de novas posturas mediante as diferenças vivenciadas no cotidiano. As práticas curriculares têm evoluído ao longo do tempo, em especial, na transição de formas sociais tradicionais para a modernidade.

Segundo Canen e Moreira (1999, p. 12) “(...) considerar a pluralidade cultural no âmbito da educação e da formação docente implica, portanto, pensar formas de se valorizar e se incorporar as identidades plurais em políticas e práticas curriculares”.

Os autores sugerem, ainda, alguns procedimentos que colaborem para a concretização de currículos multiculturais na formação de docentes, tais como: a) a associação de elementos cognitivos e afetivos na prática pedagógica; b) a sensibilização para a diversidade cultural e sua influência na educação; c) o desenvolvimento de uma prática reflexiva multiculturalmente comprometida; d) a superação de preconceitos e estereótipos; e) a problematização de conteúdos; f) o reconhecimento do caráter múltiplo e híbrido das identidades culturais.

Santos (2006) nos convida refletir também sobre a valorização da multiplicidade de saberes e inaugura uma terceira vertente de pensamento ao defender a “ecologia de saberes” que representa um conjunto de epistemologias que partem da possibilidade da diversidade e da *globalização contra hegemônica* e que pretende contribuir para lhes dar credibilidade e força.

Trata-se da abertura a uma pluralidade de modos de conhecimento e novas formas de relacionamento entre estes e a ciência. São processos de autoconhecimento que mobilizam o

contexto social, cultural e histórico, além de uma autorreflexão acerca dos conhecimentos não científicos considerados locais, tradicionais, alternativos ou periféricos. Um currículo assim pensado sustenta-se no princípio de que “Não há nem conhecimentos puros, nem conhecimentos completos; há constelações de conhecimentos” (SANTOS, 2006, p. 154).

Nessa mesma linha de pensamento, outro aspecto fundamental que também deve ser enfatizado no processo educacional é o papel da família. Junto com a escola, o apoio e incentivo da família são fundamentais para estimular a progressão das crianças.

Bourdieu reafirma essa importância, ao destacar que:

Ainda que o êxito escolar, diretamente ligado ao capital cultural legado pelo meio familiar, desempenhe um papel na escolha e orientação, parece que o determinante principal do prosseguimento dos estudos seja a atitude da família a respeito da escola, ela mesma função, como se viu, das esperanças objetivas de êxito escolar encontradas em cada categoria social. (1988, p. 50).

Ora, as famílias são núcleos em que os conhecimentos da cultura se difundem, nas relações intergeracionais que nela têm lugar. Famílias e escolas juntas podem favorecer a inserção dos estudantes em um universo cultural mais amplo, que concilie formas diversas de falar, pensar, compreender e atuar criticamente no mundo. De sua união efetiva pode resultar a gênese de processos multiculturais críticos, em que a tradição e o novo, assim como diferentes pontos de vista permaneçam em diálogo.

### Considerações Finais

Ao observarmos todo e qualquer ambiente, é possível perceber que os valores e concepções estão em movimento permanente e, dessa forma, os conflitos e divergências de pensamento surgem entre os indivíduos.

O que é justo para uns, pode não ser justo para outros e, por isso, nas relações sociais estabelecidas no mundo contemporâneo é fundamental o respeito às diferenças e aos modos particulares de vida.

Urge um viver em sociedade cooperativo, coeso e solidário, uma construção democrática que respeite e reconheça cada pessoa como sujeito do conhecimento, do saber construído ao longo da história da humanidade, por coletividades complexas e pluriculturais.

Porém, esse é um grande desafio na sociedade consumista, cada vez mais alienada pelo sistema capitalista que se reinventa a cada dia. Cabe a cada um de nós repensarmos sobre os princípios do viver em sociedade para optar, como evidencia Durkheim (2007, p. 22), “(...) entre uma cooperação tiranicamente imposta e uma cooperação livre e espontânea, evidentemente esta última é que será o ideal para o qual a humanidade tende e deve tender”.

Cultivar respeito e solidariedade com os educandos deve ultrapassar posturas demagógicas. Para que consigamos refletir e agir de forma transformadora sobre os comportamentos inadequados de intolerância com as culturas diferentes, em especial, com as culturas dos grupos marginalizados, cabe a luta pela construção de relações horizontais entre escolas e famílias, escolas e comunidades. Valorizar as diferenças implica acolhê-las, incluí-las, dar espaço para que diferentes vozes dialoguem no espaço escolar. A escola pode e deve ser um lócus de construção de identidades e de posicionamento crítico e, para isso, as diferentes formas de viver devem encontrar-se e expressar-se nela.

### Referências

BOURDIEU, P. **A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura**. In: CATANI, Afrânio. NOGUEIRA, Maria Alice (orgs.). *Escritos de Educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

CANEN, A.; MOREIRA, A. F. B. **Reflexões sobre o multiculturalismo na escola e formação docente**. *Educação em Debate*. Fortaleza, vol. 2, n. 38, 1999.

- DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- GEERTZ, C. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- GRIGNON, C. **Cultura dominante, cultura escolar e multiculturalismo popular**. In: SILVA, T. T. (Org.). *Alienígenas na sala de aula*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- IANNI, O. **A sociedade global**. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENARD, J. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1998.
- ROUANET, S. P. **Mal-estar na modernidade: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SACRISTÀN, J. G. **Escolarização e Cultura: a dupla determinação**. In: SILVA, L. E. *Reestruturação Curricular: novos mapas culturais, novas perspectivas educacionais*. Porto Alegre: Sulina, 1996.
- SANTOMÉ, J. T. **As culturas negadas e silenciadas no currículo**. In: SILVA, T. T. (Org.). *Alienígenas na sala de aula*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- SANTOS, B. S. **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- \_\_\_\_\_. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2006.
- SILVA, Marcos Paulo da. EL-AOUAR, Walid Abbas. **Discutindo os efeitos da globalização: uma proposta de enfrentamento**. Caderno de Pesquisas em Administração. São Paulo, vol. 10, n. 01, janeiro/março, 2003.
- SILVA, T. T. (Org.). **Alienígenas na sala de aula**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- XAVIER, I. M.; ABREU, Z. **Tecnologia, Neoliberalismo e Globalização**. Educação de Jovens e Adultos/Ensino Médio. Filosofia, vol. 03. Rio de Janeiro: FUNDAR/SEE, 2001.
- WEIGEL, V. A. **Educação, Cultura e Globalização: um debate sobre a identidade étnica e a escola**. Revista Contexto & Educação. Editora Unijuí, n. 38, abril/junho, 1995.

Recebido em 10 de novembro de 2020.

Aceito em 19 de abril de 2021.